

IMIGRAÇÃO E GÊNERO: reflexões sobre os estudos migratórios femininos

Maíra Ines Vendrame

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir a respeito da historiografia que trata da presença das imigrantes italianas nos movimentos transatlânticos do oitocentos e novecentos da Europa para o sul do Brasil. Invisibilizadas nos processos migratórios, as mulheres pouco aparecem nos estudos que tratam das migrações. Procurar garantir maior equilíbrio nas análises, através da inclusão das imigrantes, considerando suas escolhas, protagonismo, papéis e relações de gênero, é algo necessário para uma compreensão mais completa das imigrações e da vida da(o)s estrangeira(o)s na sociedade de destino. A utilização de fontes de natureza diversa, que tomam o estudo de trajetórias e a perspectiva da metodológica da micro-história, aparece como uma escolha que pode trazer contribuições significativas para a história dos movimentos migratórios e das imigrantes no além-mar.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração, Gênero, Mulheres imigrantes, Fontes.

Immigration and gender: reflections on female migration studies

ABSTRACT: This article aims to reflect on the historiography that deals with the presence of Italian immigrants in the transatlantic movements of the 19th and 19th centuries from Europe to the south of Brazil. Invisible in displacement processes, women hardly appear in studies dealing with migration. Seek to ensure greater balance in the analyses, through the inclusion of immigrants, considering their choices, protagonism, roles and gender relations, is something necessary for a more complete understanding of immigration and the life of foreigners in the society of destination. The use of sources of a different nature, which take the study of trajectories and trajectories and the perspective of the methodological micro-history, appears as a choice that can bring significant contributions to the history of migratory movements and immigrants overseas.

KEYWORDS: Immigration, Gender, Immigrant women, Sources.

Inmigración y género: reflexiones sobre los estudios de migración femenina

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la historiografía que se ocupa de la presencia de inmigrantes italianos en los movimientos transatlánticos de los siglos XIX y XIX desde Europa hacia el sur de Brasil. Invisibles en los procesos de desplazamiento, las mujeres apenas aparecen en los estudios que abordan la migración. Buscar asegurar un mayor equilibrio en los análisis, a través de la inclusión de los inmigrantes, considerando sus elecciones, protagonismo, roles y relaciones de género, es algo necesario para una comprensión más completa de la inmigración y la vida de los extranjeros en la sociedad de destino. El uso de fuentes de distinta naturaleza, que toman el estudio de las trayectorias y la perspectiva de la microhistoria metodológica, aparece como una opción que puede traer aportes significativos a la historia de los movimientos migratorios y de las mujeres inmigrantes en el exterior.

PALAVRAS CLAVE: Inmigración, Género, Mujeres inmigrantes, Fuentes

*Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Pesquisadora Produtividade CNPq. O presente artigo é resultado de uma pesquisa financiada pelo Programa Pesquisador Gaúcho-PQG/FAPERGS. Contato: Rua Santo Antônio 716, apartamento 503, Bairro Floresta, CEP: 90220010, Porto Alegre-RS, Brasil. E-mail: mvendrame@unisinors.br. <https://orcid.org/0000-0001-5658-076X>

Introdução

Somente a partir dos anos de 1990, a perspectiva de gênero começou a ganhar importância na história das migrações das mulheres¹. O fenômeno da “Grande Emigração”² italiana provocou o deslocamento em massa de milhares de pessoas a partir de 1870, de algumas regiões agrárias, especialmente do norte da Itália. Juntamente com familiares, vizinhos, em pequenos ou grandes grupos, ou mesmo sozinhas, as mulheres irão marcar presença nas migrações dentro da Europa e também para o além-mar. Mesmo quando não migravam, a permanência delas nos locais de origem, cuidando dos cultivos e bens, era essencial para a implementação de determinados projetos de migratórios. Enquanto os homens migravam temporariamente, as esposas cuidavam das propriedades e dos trabalhos agrícolas, garantindo, portanto, existência de uma cultura migratória que garantia a realização de determinados serviços e a reprodução das famílias camponesas.

Para entender o silêncio sobre as mobilidades femininas pela historiografia, é preciso questionar os estereótipos criados e visões que impediam ver as mulheres fora da esfera doméstica, onde apareciam como chefes de unidades familiares, ou até mesmo considerá-las essenciais em determinadas atividades laborais e na viabilização dos projetos de deslocamentos, apesar de não terem tomado inicialmente o caminho da migração transatlântica. A ideia da dependência do marido, acrescida da percepção de que determinados trabalhos não eram essenciais para sobrevivência do grupo familiar, garantiu, por longo tempo, um silenciamento a respeito da participação feminina em algumas das principais decisões, como o das migrações de curtas e longas distâncias. Com o surgimento de estudos que abordavam os deslocamentos temporários de lugares específicos para algumas áreas da península itálica, por exemplo, começou a ganhar atenção o papel das estratégias familiares e de gênero nas migrações sazonais. Inicialmente, análises que buscavam compreender as mobilidades de curta distância, e posteriormente as transatlânticas, ajudaram a conferir maior visibilidade para os desempenhos femininos.³

Através de pesquisas que utilizaram perspectivas micro analítica, centrando os estudos em lugares específicos e nas decisões familiares, que a invisibilidade feminina começou a ser questionada. Os deslocamentos passaram a ser compreendidos como decisões realizadas no interior de grupo familiar e parental, estando eles ligados a necessidade de, em certa medida, garantir a reprodução e sobrevivência camponesa num mundo onde a divisão do trabalho e das obrigações eram marcadas pela condição gênero⁴. Nesse sentido, o fato de em muitos lugares as mulheres não tomarem inicialmente o caminho da emigração não significava dizer

que não eram fundamentais para viabilizar os projetos migratórios sazonais ou definitivos do grupo familiar.

A existência de uma cultura da mobilidade temporária dos homens fazia com que mães, esposas e filhas permanecessem nas aldeias cuidando das atividades agrícolas e dos negócios da família. Esse é um aspecto que passa a ganhar destaque nas pesquisas que analisam as migrações de comunidades rurais no contexto europeu do oitocentos. Na segunda metade do século XIX, as movimentações circulares de curta e média distância se transformam também em transferências para o além-mar, tendo a América se tornado destino temporário ou definitivo de famílias camponesas europeias. Porém, o movimento migratório vai impactar de modos diversos os lugares de partida, bem como assume características diferentes de uma região para outra. Em alguns locais, os homens partiam em maior número, ficando as mulheres aguardando o seu retorno mesmo quando os destinos eram transatlânticos.⁵ Já em outros, mães, filhas e esposas migravam junto com familiares, sendo acompanhadas ainda por parentes e vizinhos.

As mulheres aparecem também partindo sozinhas, como chefes de família, na condição de viúvas ou separadas dos maridos, bem como solteiras ou casadas.⁶ Ressalta-se, portanto, a necessidade de se pensar em formas alternativas de famílias nos estudos migratórios, bem como seguir percursos femininos como uma maneira de conferir maior visibilidade para as imigrantes que partiram em diferentes condições. Essa perspectiva é fundamental para apreender o protagonismo e as escolhas das mulheres nas migrações globais do oitocentos e início do novecentos.

O presente artigo resulta de estudos já realizados e em andamento que buscam analisar a trajetória de imigrantes europeias – italianas e alemãs -, seus espaços de atuação, as atividades profissionais e as estratégias de inserção social acionadas em contextos urbanos ou rurais do Brasil meridional.⁷ Na sequência, analisar-se-ão as pesquisas que buscam estudar as mulheres de origem italiana nas migrações transatlânticas e nas regiões de colonização europeia, bem como em realidades urbanas de algumas capitais brasileiras, entre a segunda metade do século XIX e início do XX. Num segundo momento, tratar-se-á de discutir a utilização de determinadas fontes, perspectivas metodológicas e temas que possibilitam trazer maior equilíbrio para os estudos que tratam dos diferentes contextos migratórios ao atentar para o estudo de trajetórias femininas.

Mulheres imigrantes na historiografia

Nas regiões de colonização europeia no sul do Brasil, as mulheres chegaram na maior parte acompanhadas dos familiares, pais ou marido, uma vez que era uma imigração marcada pela presença significativa de famílias camponesas. Vistas como subalternas nos deslocamentos transatlânticos, as que migravam sozinhas, como chefes de família, com qualificação profissional e buscavam garantir inserção social nos lugares de chegada, não ganharam visibilidade nas pesquisas. Independente da maneira como abandonavam o país de origem, na companhia de familiares, parentes, conhecidos ou apenas tomando os caminhos já trilhados por contemporâneos, o certo é que as imigrantes quase não aparecem na história da imigração. Para além da dificuldade em relação as fontes para pensar as mulheres para além das unidades familiares, apreender suas escolhas, anseios e projetos individuais, destaca-se o pouco interesse dos historiadores em tomar as mulheres como opção para problematizar e rever explicações gerais sobre determinados processos. A ideia de que migravam sempre em família, seguindo a orientação dos pais e maridos, dos quais eram totalmente dependentes, contribuiu para a construção e manutenção de certos estereótipos.

A invisibilidade feminina é uma das características que marca de maneira significativa a historiografia que trata da imigração europeia do oitocentos para a América e da presença estrangeira nas províncias do sul do Brasil. Mais que apenas identificar as mulheres nos deslocamentos e sua participação na organização das novas vidas das famílias camponesas na sociedade de destino, se faz necessário tomar trajetórias femininas singulares como ponto de partida para problematizar o universo de escolhas, percepções e sobre o mundo vivido e sonhado pelos imigrantes de um modo geral. É preciso incluir nas narrativas históricas os modos de viver, sentir e se relacionar das pessoas que não aparecem com tanta visibilidade na maior parte dos registros documentais, como é o caso das mulheres.

Imigrantes alemães e italianos são os grupos que, em diferentes momentos do século XIX, irão ocupar áreas destinadas a fundação de colônias nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Como já ressaltado acima, as mulheres aparecem na maior parte dos estudos com pouca visibilidade, estando, geralmente, vinculadas à autoridade masculina e às atividades domésticas. O papel desempenhado como esposa e mãe, os trabalhos domésticos e atividades que garantiam a reprodução familiar, surgem geralmente numa posição de dependência da autoridade masculina. A condição de viuvez se destaca como elemento que conferia maior liberdade às imigrantes, uma vez que passavam assumir os negócios dos maridos, tornando-se proprietárias de terras e passando a gerir seus próprios

negócios. Sobre essa questão, ressalta-se o estudo pioneiro realizado por Loraine Slomp Giron⁸, em que aborda o tema da subalternidade das mulheres na família para pensar o trabalho e a relação com a pequena propriedade. Discute as relações estabelecidas na “família tradicional” e “a desigual condição da mulher, tanto na divisão do trabalho quanto na de bens”, enquanto aspectos que marcavam a sociedade fundada pelos imigrantes. Segundo a referida autora, apesar das viúvas tornarem-se proprietárias após a morte dos maridos, as desigualdades de gênero no interior da família não se modificavam. Por meio do levantamento em requerimentos de terras, aponta para a presença de três tipos de mulheres proprietárias: “as que receberam terra por herança, por morte do pai ou do marido; as abandonadas pelos maridos; e as que se tornaram proprietárias pela incapacidade física ou mental do marido”.⁹ Os dados sugerem que o grupo de proprietárias nas regiões coloniais era heterogêneo.

Além das apontadas acima, existiam também as imigrantes que se tornaram proprietárias assim que chegaram ao sul do Brasil, uma vez que tinham abandonado a pátria na condição de viúvas ou separadas dos maridos. Esse é o caso da italiana Ana Rech – 47 anos, viúva, analfabeta, camponesa - que, em 1876, abandonou o povoado de Pedavena, província de Belluno, norte da Península Itálica, e se estabeleceu com os oito filhos na Colônia Caxias, região nordeste do Rio Grande do Sul. Neste lugar, tornou-se proprietária de terras e abriu uma casa de comércio e hospedaria, passando a atuar como comerciante e parteira. Durante o tempo em que viveu entre os conterrâneos italianos, construiu um patrimônio de bens e alcançou certa proeminência na comunidade local. Tudo isso contribuiu para que, alguns anos após sua morte, o nome Ana Rech – que atualmente é um bairro do município de Caxias do Sul - fosse conferido à localidade onde a referida imigrante havia vivido desde sua chegada ao sul do Brasil¹⁰.

Em 1977, quando das comemorações dos cem anos da imigração italiana no Estado do Rio Grande do Sul, foi erigido um monumento em frente à Igreja de Ana Rech, uma estátua da fundadora do lugar. A imagem representava o período final da vida da imigrante, que durante 38 anos havia residido na região colonial. Com as mãos juntas, portando um terço, vestes longas e um véu na cabeça, a imagem da imigrante exalta valores que passaram a ser reforçados como elementos identitários do grupo étnico italiano. Eram eles a forte religiosidade, força e coragem dos pioneiros, homens e mulheres que ocuparam a região colonial. Aspectos da vida da viúva passaram a ser exaltados, tornando ela um exemplo de fé, persistência, trabalho e dedicação à família. Desse modo, a imigrante que havia abandonado a

terra natal apenas na companhia dos filhos e enfrentado muitas adversidades, tornava-se um símbolo para representar as mulheres imigrantes, independente da condição em que haviam emigrado da Itália.¹¹

Na historiografia regional, Ana Rech é descrita como uma “mãe destemida”, uma “católica fervorosa”, “benfeitora”, “cidadã prestativa” e fundadora da comunidade que carrega o seu nome.¹² O percurso de vida da imigrante é destacado como um exemplo de fé, coragem e persistência, uma vez que abandonou a pátria a frente da família e enfrentou diversos obstáculos que o fenômeno migratório impunha às mulheres que partiam sem a companhia do marido.¹³ Para além da imagem idealizada de Ana Rech, que foi reforçada com a construção do monumento e comemorações públicas realizadas quando dos festejos do centenário da imigração, acredita-se que há muito ainda a ser investigado sobre as escolhas e comportamento da referida italiana. A dificuldade de localização de fontes sobre o período vivido pela imigrante aparece como um dos motivos pelo qual pouco se sabe sobre as estratégias, projetos, frentes de atuação, negócios e tramas relacionais de Ana Rech na região colonial.

Para além do resultado de sucesso de uma vida, destaca-se que o mais relevante de ser investigado é a maneira como as escolhas foram sendo tomadas, sem, portanto, deixar de considerar os momentos de indecisões, as tensões e insucessos vivenciados. É fundamental analisar as trajetórias como vidas não coerentes e lineares. Para isso se faz necessário problematizar a trajetória, explorar suas contradições, conflitos e as diversas camadas de memórias que foram cobrindo o percurso em diferentes momentos.

Mais recentemente, a saga da “miserável” camponesa, que enfrentou diversas adversidades desde o momento em que decidiu tomar o caminho da imigração para o Brasil, foi contada no romance histórico *Il Viaggio di Anna Rech* (2004). Salvatore Liotta, autor do livro, realizou pesquisa bibliográfica e em fontes documentais, localizados na Itália e no Brasil, para narrar o percurso da viúva que abandonou a aldeia natal logo após a morte do marido, e, na companhia dos filhos, fixou-se numa região de colonização italiana no Rio Grande do Sul. As escolhas realizadas antes da partida, a viagem, o deslocamento, o encontro com conterrâneos, as atividades na nova povoação, a doação de terras para edifícios religiosos e educacionais, a forte religiosidade da imigrante e os anos finais de sua vida, são alguns dos principais temas retratados no romance. Apesar de ser uma obra literária, fica bastante evidente o comprometimento do autor em buscar apresentar a trajetória de vida da camponesa

vêneta como uma maneira de compreender a imigração italiana do oitocentos para o Brasil meridional.

Como Ana Rech, outras viúvas abandonaram a Itália para se tornarem proprietárias de terras e começar uma nova vida no Novo Mundo. O percurso da referida imigrante ilumina contextos ainda não estudados na historiografia da imigração italiana do oitocentos para o Brasil. Destaca-se que *Il Viaggio de Anna Rech* (2004) é um dos únicos livros que se dedica exclusivamente a analisar os anseios e escolhas de uma camponesa italiana por quatro décadas, desde a aldeia de origem até o lugar de destino, e a vida que passou a levar nas novas terras. Apesar de não ser a intenção da obra, ela lança luz sobre as mobilidades femininas, os desafios e agência¹⁴ das mulheres em todas as fases do processo migratório. Deve, portanto, ser tomada como incentivo à realização de pesquisas que buscam analisar as escolhas das diferentes imigrantes nos deslocamentos transatlânticos e lugares de destino. Como já ressaltado, os estudos de trajetórias singulares possibilitam refletir sobre as estratégias de migrações, a inserção social, os projetos individuais e coletivos, valores e práticas que orientaram os comportamentos em espaços ocupados por imigrantes europeus.

Nesse sentido, destaca-se o livro *A história de Pierina*, de Yonissa Wadi (2009), que análise a trajetória de uma descendente de imigrantes italianos no início do novecentos encaminhada para o Hospício São Pedro, em Porto Alegre, após ter afogado a filha pequena em uma bacia de água. Através documentação criminal, prontuário médico e cartas da internada, a autora buscou estudar temas como crime, loucura, subjetividade, universo feminino e o saber médico psiquiátrico no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX. O universo social e cultural vivenciado nos espaços rurais de colonização europeia, bem como as insatisfações surgidas no seio familiar em relação às obrigações e o controle paterno, somado aos descontentamentos frente ao peso das atividades laborais e responsabilidades da vida de casada, são algumas das questões principais discutidas no livro.

Os conflitos vividos no interior da família, à rotina de trabalho, a maternidade e os comentários surgidos na vizinhança motivaram descontentamento na jovem mãe. Alegando não desejar que a filha crescesse naquele ambiente familiar e comunitário, Pierina decidiu tirar a vida da própria filha. Essa atitude aparece como uma forma de resistência às pressões de gênero, aos papéis sociais e obrigações que as mulheres deviam assumir no universo camponês de colonização europeia.

Por meio de uma análise comparativa com outra trajetória feminina, agora de uma descendente de imigrantes alemães que também foi encaminhada para o Hospício São Pedro

no mesmo período (após ter cometido o homicídio de uma criança), buscou-se analisar as percepções sobre loucura e crime, bem com as explicações conferidas para determinados comportamentos em comunidades rurais. As justificativas das mulheres, julgadas como “loucas” por conta de suas condutas e delitos, permitiram apreender determinadas racionalidades, práticas sociais e levantar novos questionamentos sobre normas e valores que orientavam a vida nos núcleos coloniais. O encaminhamento das duas descendentes de imigrantes para o hospício aparece como uma maneira de evitar que fossem julgadas e condenadas pelos delitos cometidos, uma vez que eram vistas como mais propensas a serem acometidas por doenças mentais que os homens.¹⁵

Apesar do objetivo principal do livro *A história de Pierina* não estar voltado para a compreensão do universo social e cultural vivido pelos imigrantes europeus e descendentes no Rio Grande do Sul, ele pode ser visto como uma contribuição significativa para a historiografia que trata do tema. É inovador por mostrar a potencialidade do cruzamento de fontes: processo-crimes, prontuários médicos e cartas pessoais. Como proposta principal, problematiza as subjetividades, tomando a experiência da descendente de imigrantes italianos como uma maneira de trazer para discussão novas problemáticas de pesquisa.

O apoio do Império brasileiro à colonização europeia no século XIX se dava através de uma política que visava atrair famílias camponesas para ocupar áreas de terras devolutas e fomentar a produção de alimentos, especialmente nas províncias do sul do Brasil. Isso acabou propiciando que as unidades familiares chefiadas por mulheres imigrantes não ganhassem visibilidade no processo de ocupação dos núcleos coloniais e fundação das novas comunidades. O incentivo e a existência de uma imigração familiar conferiam às mulheres um espaço de ação limitado à esfera doméstica, sob a influência, vigilância e direção masculina, conforme já se destacou anteriormente. Mas um olhar atento para alguns tipos de fontes, somado à utilização de determinados métodos de análise, possibilitam levantar questionamentos sobre a agência feminina – como as relações, intenções e ações – em diferentes âmbitos. É preciso também levar em conta que as motivações e escolhas das mulheres não são uniformes, pois estão longe de ser um grupo homogêneo, que tem as mesmas reações, expectativas, capacidade relacional e poder em seus espaços de atuação. A agência é uma qualidade de articulação para fazer valer decisões e realizar projetos, podendo ser entendida também como uma forma de domínio, que pode se manifestar até através da resistência. Pelo fato de todos (homens e mulheres) estarem inseridos em tramas de relações, poder, afeto, solidariedade e disputadas, ninguém é totalmente livre ou possui total controle

sobre a realidade e consequências de suas decisões.¹⁶ Desse modo, apesar da busca pelo domínio através da agência, as pessoas possuem um conhecimento parcial e controle limitado quanto ao resultado das escolhas e estratégias. Diferentes fatores precisam ser considerados, de forma interseccional, quando se estuda o feminino, as conquistas, os fracassos e as relações sociais que estabelecem.

Analisando gênero e estratégias migratórias para colônias agrícolas fundadas no Espírito Santo na última década do século XIX, Chiara Vangelista destaca que é na família que a mulher italiana aparece pelas funções que assume de “esposa, de mãe e de produtora de riqueza material e cultural”. O que ganha destaque na colonização é a função social, econômica, política e moral da família, já que o Estado buscava núcleos familiares para ocupar regiões coloniais criadas em diferentes estados do Brasil. De acordo com a referida autora, no “âmbito do vivido e no das autorrepresentações dos imigrantes”, bem como no “imaginário dos outros (não-imigrantes e descendentes etc.), a família, a coesão familiar e a força das relações de parentesco” se converteram nas características dos imigrantes italianos e do povo italiano.¹⁷ As fontes escritas, como as listas de desembarque, fornecem informações que permitem mapear percursos e o papel das mulheres nos deslocamentos e nas estratégias migratórias. Tais registros possibilitam constatar que a família nuclear era a unidade básica que constituía a maior parte da imigração para o Brasil, tendo mais destaque a mulher que chegava na condição de mãe do que como filha. Geralmente, na companhia de familiares, as italianas aparecem desde o início da emigração de massa constituindo parte significativa das levadas de imigrantes recém-chegadas que buscavam melhores condições de vida e novas oportunidades de trabalho¹⁸.

Também refletindo sobre universo feminino, relações de gênero e representações entre as famílias de imigrantes italianos e descendentes que viviam nas regiões de colonização do Rio Grande do Sul, Cleci Eulália Favaro, na obra intitulada “Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências,” reforça a crítica de que as mulheres foram excluídas da história da imigração italiana no Brasil meridional.¹⁹ Utilizando-se especialmente da metodologia da história oral, a autora percebe que as lembranças das “mulheres italianas” são profundamente vinculadas à história das próprias famílias e suas experiências enquanto filhas, esposas e mães. E o trabalho aparece como um valor moral e motivo de orgulho, bem como a coragem, destemor, o capricho e a força para suportar as atividades laborais se tornam as

qualidades exaltadas nos discursos dos descendentes de imigrantes italianos. Diferentemente das imagens presentes na historiografia tradicional, o estudo aponta que, na vivência cotidiana da família e comunidade, a mulher nem sempre se apresentava como submissa, subalterna e dominada. Mas os comportamentos que questionavam tais atitudes foram ocultados pelos sistemas de poder masculino e na maior parte das narrativas historiográficas. A pesquisa de Favaro traz contribuições significativas para pensar a história da imigração italiana através das relações de gênero, violências simbólicas, conflitos e contradições, questionando assim imagens construídas sobre a vida de mulheres e homens nas regiões coloniais.

Além dos estudos apresentados que tratam dos estrangeiros europeus no meio rural, é preciso mencionar os que tratam dos imigrantes nos espaços urbanos, especialmente em algumas capitais do Brasil. Na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, as alemãs e italianas irão aparecer em trabalhos que abordam a presença imigrante à frente de atividades comerciais, gerindo casas de negócios e se dedicando a determinados trabalhos, como o de parteiras, modistas, professoras etc.²⁰ Questionando as (in)visibilidades acerca das imigrantes nos processos migratórios e nos espaços urbanos, Lená Medeiros de Menezes procura romper com a ideia da ausência ao apresentar os diversos trabalhos realizados pelas francesas e portuguesas no Rio de Janeiro oitocentista.²¹ Apesar de invisibilizadas na maior parte da documentação e pela historiografia, uma vez que ocupavam um “não-lugar”, as mulheres circulavam pelos espaços públicos, dispunham de certa autonomia, eram proprietárias de estabelecimentos comerciais e apareciam gerindo seus próprios negócios.

Uma maior presença de mulheres desempenhando atividades no meio urbano acompanha o aumento da população estrangeira no país a partir da segunda metade do oitocentos. Estudos apontam italianas e francesas em São Paulo e Rio de Janeiro que passam a exercer o ofício de parteiras, alcançando também certo destaque no cuidado das enfermidades femininas. Muitas estrangeiras que chegavam do exterior portando diploma de parteira buscavam validar seus diplomas no Brasil. No entanto, o prestígio e clientela que algumas conquistaram não impediu que fossem denunciadas por procedimentos realizados, como o de praticar abortos.²²

Em relação à presença de imigrantes portuguesas em centros urbanos durante os séculos XIX e XX, é preciso mencionar as pesquisas de Lená Menezes e Maria Izilda de Matos.²³ Utilizando-se de fontes de natureza diversas, ambas se dedicam a pensar o protagonismo feminino na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, no que se refere às experiências cotidianas e o universo do trabalho das mulheres. As atividades ligadas ao

comércio e envolvimento em lutas políticas ganharam espaço ao analisarem as trajetórias singulares de algumas imigrantes. Com relação ao envolvimento feminino no processo migratório, utilizam-se de cartas, obras literárias da época e notícias de jornais, para discutir as estratégias e sensibilidades com relação as transferências e novas situações enfrentadas nos locais de destino. O estudo contribui de maneira significativa para lançar luz sobre o tema da invisibilidade e modos de agir e pensar das imigrantes que viviam em diferentes realidades sociais e contextos.

Desse modo, a preocupação em romper os silêncios em relação a participação das mulheres na história da imigração europeia para o Brasil e espaços ocupados pelas estrangeiras na sociedade de destino, é algo que aparece já algum tempo nos estudos das referidas pesquisadoras. Com destaque para utilização de correspondências, Maria Izilda de Mattos analisa as questões de gênero e o papel da família nos deslocamentos de homens e mulheres de Portugal para São Paulo. Entendendo as missivas com registros que são produtos das migrações, ressalta o fato de retratarem as transferências, conferindo especialmente atenção para as estratégias familiares, desejos, projetos, vínculos e aspirações de reunificação familiar. Apesar de serem na maior parte escrita por homens, nas cartas as mulheres são constantemente mencionadas, suas vozes aparecem “nas entrelinhas do texto”, muitas vezes se opondo aos deslocamentos e cobrando notícias e auxílios. Portanto, são as referidas fontes utilizadas para analisar o envolvimento e presença feminina no processo migratório para o Brasil.²⁴

Mais recentemente, correspondências, fotografias, diários e depoimentos orais têm aparecido de maneira frequente nos estudos que buscam romper certos silêncios e trazer para o debate a agência feminina nos deslocamentos, em algumas atividades profissionais e organização das vidas no território brasileiro. Apesar da ampliação dos estudos nesse sentido, entende-se que ainda é necessário ampliar o número de pesquisas sobre as imigrantes e seus espaços de atuação, incluindo novas metodologias, temas e diversificando o número de fontes para uma compreensão mais completa dos processos e contextos migratórios.

Buscando avançar nesse sentido, a coletânea intitulada *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*, organizada por Maíra Vendrame e Syrléa Marques Pereira, apresenta artigos de historiadoras italianas e brasileiras que buscam pensar o tema das migrações históricas entre a Europa e América Latina nos séculos XIX e XX através de percursos e escolhas de mulheres imigrantes.²⁵ Por meio de distintas abordagens, fontes e metodologias, os doze capítulos que compõem a obra apontam para a necessidade da inclusão

de pesquisa que tomam as trajetórias femininas como fio condutor das análises sobre as mobilidades europeias para a América, incluindo novas problemáticas e a perspectiva de gênero nos estudos migratórios. O tema das conexões entre os locais de origem e os de chegada, bem como das diferentes motivações das partidas, do papel das redes e dinâmicas sociais nos deslocamentos são pontos abordados em alguns trabalhos, visto ser algo ainda pouco explorado pela historiografia da e/imigração de um modo mais geral.

Para além da diversidade étnica, os estudos que compõem a obra *Mulheres em Movimento* tratam de imigrantes europeus que se estabeleceram em diferentes locais do território brasileiro. Syrléa Marques Pereira busca reconstruir o percurso de famílias italianas que partiram de uma aldeia da Toscana para o Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais no final do século XIX, dando destaque para o papel desenvolvido pelas mulheres no interior do núcleo familiar na reconstrução dos laços e afetos entre os descendentes que a comunidade de origem dos antepassados. Avós e mães assumiam o papel de “guardiãs da memória” ao conversarem registros fotográficos e lembranças familiares ao longo de suas vidas.²⁶

Com relação à imigração de mulheres toscanas para o Brasil, o artigo de Lucilla Briganti trata das atividades ocupacionais e mobilidades femininas dentro no contexto italiano, bem como o envolvimento com as migrações transnacionais.²⁷ Também analisando a emigração feminina de determinadas regiões como Toscana e Vêneto, os estudos de Daniela Perco e Maíra Vendrame apresentam as experiências de italianas que partiram da Itália em diferentes condições, sozinhas, como chefes de família e acompanhadas de conhecidos e parentes para se fixar em locais já ocupados por conterrâneos no Rio Grande do Sul. As fontes analisadas, cartas, inventário e processo-crime – material esse considerado excepcional por conta de suas características -, apontam uma série de questionamentos para pensar os caminhos percorridos e escolhas realizadas, apresentando, portanto, elementos para elaboração de uma história mais analítica e crítica da participação feminina nas diferentes fases dos deslocamentos transatlânticos e na organização das novas vidas no Brasil.²⁸

Portanto, independente do lugar de destino, seja no meio urbano ou rural, no Rio Grande do Sul ou São Paulo, estudos recentes têm chamado atenção para a necessidade de, através de diferentes fontes, conferir visibilidade e protagonismo para as mulheres imigrantes no processo de e/imigração e nas atividades que passaram a desempenhar assim que se estabeleceram nas regiões coloniais, fazendas de café²⁹ ou centros urbanos³⁰.

Apesar de não aparecerem com frequência na documentação, a presença feminina é constata em diversas atividades laborais, seja cuidando da economia doméstica, da educação

dos filhos, exercendo funções tanto nos domicílios como nas fábricas, como comerciantes, proprietárias de casas de negócios, amas de leite, professoras e parteiras.³¹ Identificar e analisar as experiências femininas, até então pouco evidenciadas nas pesquisas, não apenas como uma maneira de conferir visibilidade, mas também como uma perspectiva metodológica que permite compreender através de outro ângulo diversos temas ligados aos deslocamentos e aos contextos migratórios.³² Nesse sentido, propondo a elaboração de uma história das mulheres imigrantes que se integrem a uma ampla agenda de investigações que ainda está por ser realizada, conforme destacam alguns pesquisadores³³ que problematize os diferentes mecanismos que geraram as invisibilidades femininas, destaca-se a necessidade de abordagens mais analíticas sobre as escolhas, estratégias e agência feminina nas diferentes fases dos processos migratórios. Ressalta-se, portanto, a importância de pesquisas sobre trajetórias femininas, que tomem os percursos como pontos de partida para acessar problemáticas diversas, preencher lacunas, questionar mitos e os lugares de atuação das imigrantes em diferentes contextos. Entende-se que o estudo de percursos femininos aparece como uma decisão que permite colocar à prova explicações mais gerais, complexificar as análises e dar voz as mulheres ignoradas, silenciadas, julgadas e invisibilizadas nas narrativas históricas. Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de tomar as escolhas e perspectivas de personagens específicas como ponto de partida para refletir sobre agência feminina em diferentes âmbitos da vida social, bem como entender a constante interação entre os espaços - privado e o público – e os diversos fatores, como gênero, sexualidade, raça, etnicidade, classe social e identidade. A articulação entre as referidas categorias são fundamentais para compreender as experiências de mulheres imigrantes, as margens de negociação e as posições desiguais que ocupam.³⁴

Temas, fontes e métodos

Não basta falar das mulheres imigrantes para incluí-las na história da imigração. Antes é preciso perceber e analisar como elas atuavam em diversas esferas, seja a familiar, a pública e a profissional, que escolhas realizavam, como atuaram nas margens, que projetos e expectativas possuíam. Se faz necessário também compreender a maneira como construíam suas redes relacionais, conquistaram prestígio e que recursos acionavam para garantir auxílio e proteção nos momentos necessários. Identificar os fracassos, os sucessos e os modos pelos quais conseguiram se inserir socialmente, construindo prestígio e reconhecimento na sociedade de acolhida, entre conterrâneos ou não, são questões que precisam ser estudadas. O

cruzamento de fontes de natureza diversas é fundamental para o desenvolvimento de pesquisas sobre os diferentes contextos nos quais as mulheres se encontravam inseridas. E para isso, ressalta-se a opção pela utilização de uma perspectiva metodológica que busque mapear trajetórias femininas através da adoção do nome como fio condutor das análises nas diferentes tipologias de documentos.

O método da micro-história³⁵ pode trazer contribuições significativas para os estudos migratórios, uma vez que adoção de uma leitura atenta das fontes e valorização dos registros excepcionais possibilita apreender aspectos não perceptíveis através de outras análises. As mulheres ganham visibilidade a partir das relações que estabelecem e decisões que tomam em diferentes âmbitos. Conferir um maior equilíbrio para os estudos migratórios, através da inclusão das experiências femininas, é algo necessário, como já ressaltado, para contornar o desequilíbrio presente na documentação que tende geralmente a invisibilizar o protagonismo feminino. Se as imigrantes não aparecem com tanta frequência nas fontes, é preciso incluí-las nas pesquisas, recuperar a sua participação nos processos e esferas da vida social, econômica, política e familiar. Algumas tipologias de fontes possibilitam compreender com mais clareza as estratégias e os espaços de atuação femininos. Porém, é fundamental o cruzamento de informações presentes em documentos de natureza diversa.

Conforme mencionado anteriormente, estudos mais recentes procuram evidenciar as escolhas das mulheres em relação ao deslocamento transoceânico através da valorização de alguns registros, como cartas, diários e memórias escritas por imigrantes. Muito raramente as imigrantes aparecem escrevendo correspondências ou diários, no entanto, quando localizados tais registros possibilitam apreender a articulação feminina quanto às migrações, a constituição de redes, manutenção dos vínculos e comunicações que estabelecem entre os dois lados do Atlântico³⁶. As cartas se tornam fontes preciosas para explorar os horizontes sociais e oportunidades diversas que as mobilidades transoceânicas abriam para aqueles que migravam. Para além do conteúdo, a circulação de correspondências permite compreender as diferentes dinâmicas migratórias, os projetos, obrigações morais, os compromissos assumidos, os sentimentos e papéis de gênero dos integrantes de um mesmo grupo familiar, parental ou de amizade quando da organização das transferências.

Publicado recentemente, o livro intitulado *A trajetória de uma escritora imigrante: Josefina Wiersch entre três mundos*, organizado por Miquéias H. Mügge (2022), apresenta as memórias de uma mulher migrante, professora, escritora, esposa e mãe que se transfere da Alemanha para os Estados Unidos em busca de melhores oportunidades. Acompanhada do

marido e das filhas, e em contato com conterrâneos que já se encontravam no Brasil, ela migra dos EUA para o sul do Brasil. Como ativa participante das migrações transoceânicas, na companhia dos familiares ela percorre três mundos, sendo um exemplo do protagonismo feminino nos deslocamentos familiares atlânticos e reveladora do papel das mulheres letradas na constituição das conexões e pontes entre lugares e pessoas distantes no espaço. O itinerário e os escritos da emigrante são excepcionais por conferirem visibilidade, agência e voz às mulheres que vivenciaram as experiências migratórias transatlânticas, e na companhia dos familiares buscaram se inserir socialmente e garantir o sucesso das escolhas individuais e coletivas nos locais de destino. Através de Josefine foi possível refletir sobre universos emocionais, socioculturais, políticos e econômicos vivenciados por outras e/imigrantes com quem se relacionou ou não. O percurso da alemã é um exemplo da presença e relevância da imigração feminina qualificada tão pouco discutida dentro dos movimentos migratórios europeus para a América.

Independente do gênero, as motivações, condições e circunstâncias dos deslocamentos transatlânticos não foram iguais para todos. Elas foram múltiplas e diferentes, estando ligadas às situações vivenciadas nas comunidades de origem e momentos específicos da vida das pessoas que optavam pelo caminho da imigração. Nesse sentido, é preciso recuperar a multiplicidade de fatores e condições que motivaram as migrações. E para compreender os motivos das partidas, torna-se necessário uma análise atenta às características internas e específicas de cada agregado familiar. Através de fontes, como processos-crime, inventários e registros de bastimos, somados a outros registros de distribuição de lotes de terra, é possível mapear o percurso de imigrantes que se tornaram proprietárias, comerciantes e aparecem como réus em investigações criminais por conta de seu comportamento.

Já por meio dos vínculos estabelecidos na pia batismal, algumas italianas constroem extensas e sólidas redes por meio do ato de amadrinhar. Logo, aparecer como madrinha possibilitava o estabelecimento de laços parentais simbólicos através dos quais podiam circular vantagens de natureza diversas, auxílios, proteções e assistências campo econômico e da política cotidiana local.³⁷ Buscar perceber em que momento e de que maneira os vínculos de parentesco e amizade eram acionados, bem como de que modo amadrinhar aparece como um recurso para garantir prestígio e inserção social para as imigrantes, é algo que fontes batismais, somadas ao cruzamento de informações extraídas de outros documentos, possibilitam compreender.

Os processos-crime aparecem como documentos privilegiados para encontrar informações sobre as experiências vividas pelas estrangeiras nas sociedades de acolhida. Imigrantes que chegaram em situações diferentes, como chefes de família, sozinhas ou na companhia do marido, de familiares, permite pensar sobre as oportunidades de trabalho, dificuldades enfrentadas e liberdades que puderam desfrutar na sociedade. A vigilância sobre as condutas femininas em comunidades de imigrantes italianos era bastante intensa, uma vez que a honra das famílias estava associada a conduta sexual das mulheres do grupo.³⁸

Conflitos, tensões e rupturas das relações familiares e na vizinhança podem ser analisados através das fontes criminais. É possível também apreender as práticas sociais presentes em contextos migratórios, as escolhas bem-sucedidas e fracassadas, bem como os recursos acionados nos momentos de dificuldades. A ausência de redes protetivas impediu que algumas mulheres pudessem obter vantagens quando do surgimento de situações prejudiciais, como a perseguição por parte das autoridades públicas em relação aos comportamentos e práticas realizadas. Mais que analisar os espaços ocupados pelas estrangeiras, viúvas, amasiadas, solteiras ou casadas, o interessante é perceber como, apesar de se afastarem dos ideais de conduta, agiram no sentido de obter reconhecimento público e construíram um patrimônio de bens, como foi o caso das que gerenciaram casas de negócios e se atuaram como comerciantes.³⁹

As fontes criminais nas quais as mulheres aparecem, especialmente na condição de réis, são tomadas como pontos de partida de pesquisas, uma vez que situações singulares possibilitam refletir sobre questões ligadas aos modos de viver, pensar e se relacionar das mulheres imigrantes, com os seus familiares e a população estrangeira ou não. Por meio das perseguições e acusações de crime lançadas contra as estrangeiras, como as que atuavam como parteiras em centros urbanos, se torna possível apreender as escolhas protetivas para conseguir contornar as perseguições por parte das autoridades públicas, quando da realização de trabalhos criminalizados. A constante mobilidade aparece como uma condição que viabilizava a realização de alguns trabalhos, como os ligados a arte de partejar, as enfermidades femininas e os atendimentos ligados à reprodução. Técnicas e procedimentos realizados pelas parteiras para conter o nascimento de filhos indesejados foram criminalizados, fazendo com que muitas tivessem que se ausentar temporariamente dos lugares para escapar da condenação por parte da justiça do Estado.⁴⁰

Analisando os crimes femininos em comunidades camponesas de imigrantes italianos no sul do Brasil, se percebe que as mulheres através de confrontos públicos buscavam

defender a sua honra contra comentários e fofocas difundidos sobre comportamento sexual, situações moralmente condenadas e vergonhosas.⁴¹ O surgimento de conflitos e disputas na vizinhança fazia com que acusações de infanticídio ou aborto fossem levadas às autoridades, como uma maneira de expor, causar prejuízos e garantir uma contra ofensa as rivais. Realizados, geralmente, por mulheres jovens e solteiras, os referidos delitos - considerados crimes tipicamente femininos pela justiça do Estado -, surgiam como uma escolha para esconder o sinal da desonra e vergonha frente o nascimento de um filho natural, que contava com o apoio e solidariedade de mães, amigas e vizinhas.

O sigilo em relação as práticas abortivas e aos infanticídios nem sempre era mantido, vindo à público, geralmente, quando da ocorrência de conflitos entre mulheres e famílias vizinhas. Era nesse momento que passavam a ser investigadas, tornando-se suspeitas em investigações criminais. Como recurso de punição, exposição e controle de determinados comportamentos e situações, as denúncias indicam os usos que o(a)s imigrantes em relação aos recursos oficiais. As queixas públicas realizadas contra pessoas da comunidade tinham um objetivo que nem sempre era o de garantir a punição no tribunal e afastamento do acusado da comunidade.

Refletir sobre os sentidos e usos de determinados mecanismos de justiça e controle social, como a apresentação de uma denúncia e a defesa da honra, se torna fundamental para entender a agência das imigrantes em relação a disputas ligadas a atuação em determinadas atividades profissionais⁴². Por exemplo, atuar como parteira deixava as estrangeiras mais vulneráveis ao aparecimento de acusações e perseguições por parte das próprias colegas de ofícios, com quem disputavam clientela e prestígio, e das autoridades públicas, por conta das práticas realizadas. A realização de certas ocupações, a mobilidade como uma condição necessária para desempenho das mesmas e circulação no período dos movimentos migratórios globais do oitocentos e novecentos, são temas analisados em algumas pesquisas que estudam a relação entre imigração, mundo do trabalho, prostituição e criminalidades entre os países da América do Sul.⁴³ Tomar as fontes judiciais para problematizar as estratégias de inserção social dos imigrantes, trabalho, gênero e crime tem aparecido como uma frente de pesquisa que tem trazido novas questões e apontando para realidades até então não estudados no que se refere ao tema das migrações e dos contextos migratórios a partir das escolhas, ideias e percursos da(o)s estrangeira(o)s analisados.

Reconstruindo percursos

Para o desenvolvimento de uma história social da imigração e da população imigrante em espaços urbanos ou rurais do sul da América, destaca-se a utilização de processos-crime como fonte que pode proporcionar uma renovação da produção historiográfica sobre o tema. Tomar um episódio ou percurso singular como ponto de parte partida de uma pesquisa, aparece como uma escolha que permite acessar aquilo que abordagens mais amplas não possibilitam apreender. Destaca-se a documentação criminal como material privilegiado para realização de estudos que buscam reconstruir as experiências de mulheres imigrantes, cujas escolhas e vozes não é possível apreender em outras fontes. Aos processos-crime podem se somar outros documentos, como por exemplos os prontuários médicos, inventários, testamentos, registros paroquiais e cartas.

Conforme viu-se neste artigo, as problemáticas possíveis de serem abordadas nas mencionadas fontes são diversas. As denúncias judiciais, especialmente, permitem pensar na relação entre imigração, crime e trabalho, bem como nas práticas sociais e comportamentos que marcavam as relações interpessoais nas comunidades camponesas surgidas em espaços de colonização europeia. A abertura de investigação possibilita também analisar os conflitos entre famílias vizinhas, intrafamiliares, os controles, proteções, punições e modos de se relacionar com as instâncias administrativas e judiciais do Estado.

Em pesquisa nos prontuários médicos do Hospício São Pedro de Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX, verificou-se que o encaminhando para a referida instituição sob alegação de loucura, surgia, em muitos casos, como uma escolha para contornar conflitos intrafamiliares, afastar integrantes indesejados da família e controlar comportamentos desviantes, causadores de vergonha local.⁴⁴ No referido período, o percentual de internada(o)s de nacionalidade italiana era bastante significativo, sendo o número total de homens e mulheres muito próximos, tendo alta incidência a(o)s que vinham de regiões do interior do Estado do Rio Grande do Sul que receberam imigrantes. As mulheres casadas aparecem também em maior número que as solteiras e viúvas entre as internadas⁴⁵, geralmente, eram encaminhadas por homens pertencentes a família através da chefatura de polícia dos municípios de destino. É claro que a decisão de encaminhar para o hospício não era uma escolha individual, mas algo decidido pelo grupo familiar e vizinhos, conforme sugerem as informações presentes nos prontuários médicos das internadas.

Com passagem em diferentes momentos pela instituição, com várias internações e altas, Ângela Maria, 27 anos, solteira, profissão doméstica, teve sua primeira internação em

1924, vindo a falecer no ano 1958. Foi encaminhada para o hospício pelo intendente municipal de Alfredo Chaves, sob alegação de estar sofrendo de “faculdades mentais”, pois tinha “frequentes acessos de loucura que, além de provocarem grandes escândalos, põem em perigo a tranquilidade pública”⁴⁶. Se a internação aparece, às vezes, como uma maneira para castigar e punir por conta da conduta vergonhosa de algumas mulheres solteiras ou casadas, ela também surgia como um modo de garantir o afastamento definitivo do convívio familiar e comunitária das tidas como responsáveis por causar conflitos, instabilidades, perseguições e outros motivos que as tornavam indesejadas localmente. Nesse sentido, questões relacionais e morais aparecem como os motivos pelos quais as imigrantes e descendentes eram consideradas “loucas” e sofrerem “perturbações mentais”.

Se em alguns casos a passagem pelo hospício era curta e única, em outros, os retornos se prolongaram durante o restante de vida de mulheres diagnosticadas com “ideias delirantes”. Esse foi o caso da alemã Antônia, de 19 anos, solteira, que teve sua primeira internação em 1923, durante o período de 4 meses, e retornou 22 anos depois, em 1945, falecendo na instituição em 1950, após algumas altas por curto período. Passados alguns meses da segunda internação, o hospital afirma que “a família da paciente não a quer receber e insiste em deixá-la neste estabelecimento, propondo colocá-la como servente na família de uma enfermeira” do hospício a fim de “ensaiar o seu restabelecimento social”. O que parece não ter dado muito certo, pois retornou depois de passado pouco mais de um mês. De acordo com descrição do diagnóstico da paciente, ela sofria de “delírio de perseguição sistematizado e ideias delirantes eróticas”, afirmando ter sido “perseguida por sua família e por todas as pessoas da localidade em que vivia, pelo fato de ter sido amada pelo vigário”.

Expondo suas ideias com clareza, Antônia, que havia sido internada pela primeira vez por “confusão mental”, conta que dos 13 aos 18 anos havia mantido um namoro com o vigário de sua paróquia. Certamente, por conta dessa história que ela foi encaminhada inicialmente para a hospício, continuando depois de mais de duas décadas a repetir as ideias. É certo que quando da primeira internação, a jovem não expos o motivo da sua “confusão mental”, pois nada aparece referido no prontuário médico. Porém, posteriormente, contanto com 42 anos, solteira e vivendo com a mãe, ela expos os motivos do seu “delírio”. Indicando para a existência de problemas relacionais na família, na ficha da paciente aparece indicado que a alemã Antônia possuía “verdadeiro ódio da mãe, é caluniadora, orgulhosa, gosta de ser obedecida e não admite réplicas”. Além disso, também “implica com certas pessoas” e com outras “emprega amizade exagerada, não permitindo que se fale das mesmas”⁴⁷.

A divulgação de fatos considerados vergonhosos, especialmente os envolvendo questões ligadas à sexualidade de mulheres jovens, que afetavam a honra das famílias camponesas, precisavam ser rapidamente silenciados. O afastamento para longe da comunidade, distante dos olhos dos vizinhos, era uma forma de controlar a difusão de comentários e fofocas que causavam vergonha, escândalo e prejuízos morais às famílias envolvidas. Por tudo isso, é bastante provável que as ideias de Antônia, tidas como “delirantes eróticas”, tivessem um fundo de verdade, bem como o fato de que vinha sofrendo certa “perseguição” de familiares e conhecidos, sendo por esses apontada como “caluniadora”. Independentemente de ser verdadeira ou não, a história do envolvimento amoroso com o “vigário” difamava a honra do grupo familiar ao qual a jovem pertencia. Provavelmente, ela também foi um dos principais motivos dos conflitos com a mãe e familiares, do internamento, da rejeição e oposição dos membros da família em relação ao retorno de Antônia para o lugar onde residiam no interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Os casos apresentados apontam para a potencialidade dos prontuários médicos para pensar o controle social, usos das instituições de assistência, papéis de gênero, resistências femininas, formas de violência, honra, vergonha e conflitos em comunidades de colonização europeia. Quando possível, o cruzamento de tais fontes como processos-crime possibilitam perceber com mais clareza as diferentes percepções em relação à loucura e os sentidos conferidos ao internamento por parte dos pais, maridos e filhos. As criminosas e loucas encaminhadas para o hospício acabaram, muitas vezes, encontrando no lugar a relativa paz que não tinham no ambiente familiar. Enquanto mecanismo de exclusão e punição, o envio para a referida instituição aparece como último recurso para garantir controle de conflitos, restaurar harmonia na família, conter situações que causavam escândalos e vergonha por conta do comportamento de mulheres classificadas como loucas. Em determinadas situações, o afastamento podia aparecer como uma forma de silenciar e excluir definitivamente condutas desviantes e vozes femininas que causavam constrangimentos.

Considerações finais

A preocupação em buscar reconstruir os percursos femininos, antes, durante e depois das partidas, através de fontes de natureza diversa, aparece como uma escolha para vencer os obstáculos em relação aos silêncios e desequilíbrios existentes nos documentos sobre as mobilidades, inserção social e agência das imigrantes nas diferentes fases do processo migratório. Enfrentar invisibilidade feminina como um problema de pesquisa é fundamental

para a construção de uma história mais complexa e equilibrada da imigração. Tomar trajetórias como uma perspectiva de estudo para acessar os contextos variados, apreender as escolhas bem-sucedidas e as fracassadas, as expectativas e projetos individuais e coletivos, traz para a discussão, além de novas problematizações sobre os processos migratórios e as imigrantes em diferentes espaços.

Nesse sentido, os trabalhos que se dedicaram a analisar as biografias de imigrantes, devem, assim, conseguir “movimentar as águas” em torno dos deslocamentos transatlânticos, da atuação das mulheres na sociedade de saída e de chegada, das que migravam como chefes de família, trazendo, portanto, novas questões para repensar as migrações e o papel das estrangeiras na sociedade de instalação. Frente a necessidade de produção de uma história social da imigração e das imigrantes, que visibilize os diferentes protagonismos femininos, buscou-se destacar no presente artigo fontes ainda pouco utilizadas, como processos-crime e prontuários médicos, mas especialmente o cruzamento de documentos de natureza diversa nas pesquisas.

Em uma perspectiva microanalítica, segundo ideia defendida por Edoardo Grendi (1977), deve-se considerar o documento excepcional/normal como revelador de frequências e normalidades. O estudo de um caso anômalo, de um percurso singular, aparece como a melhor estratégia para apreender normas sociais e construir generalizações. Uma experiência individual e casos atípicos podem sugerir novos questionamentos para a compreensão de processos históricos mais amplos. E a escolha por uma abordagem micro não significa tratar de questões circunscritas e particulares. Pelo contrário, a especificidade de casos concretos, analisados em suas complexidades e contradições, se apresentam como o caminho para chegar a problematizações gerais e contextos não acessados através de outras abordagens. A adoção de uma perspectiva micro não significa buscar o representativo ou apenas tratar do pequeno e excepcional. O local e o global não se excluem, eles se complementam por meios dos novos questionamentos que as abordagens microanalíticas apresentam.⁴⁸

Nesse sentido, atentando para as questões trazidas pelos referidos historiadores, conferir atenção para as trajetórias singulares e fontes excepcionais, para os perseguidos, excluídos, perseguidos e fracassados, através de um olhar de baixo para cima, das pessoas para as instituições, de dentro do grupo para fora, e não o contrário, se recupera aspectos do universo social e cultural que se achava perdido. Para conferir visibilidade e voz para as imigrantes internadas nas instituições médicas e criminalizadas socialmente, é preciso dar atenção para certos documentos, percursos e percepções das confinadas dentro dos muros de

instituições. O hospício aparece como um espaço de exclusão, disciplinamento, castigo e reeducação das pessoas que tinham comportamentos desviantes e imorais, sendo por isso considerados “loucos e loucas”. Ele também se tornava um local de acolhida e assistência para as mulheres imigrantes sozinhas, excluídas socialmente ou abandonadas pelos familiares.

A existência de alguma perturbação psicológica não era o único motivo pelo qual as pessoas eram encaminhadas para os estabelecimentos psiquiátricos. Conflitos na família, descumprimento das normas sociais e dificuldade de aceitar os papéis de gênero podiam ser também as causas do internamento de um familiar ou conhecido. Através das diversas experiências e palavras das imigrantes que estiveram internadas no hospício, por curtos ou longos períodos, é possível dar voz às mulheres silenciadas, acessando o universo complexo de expectativas, possibilidades e percursos das que foram excluídas e caladas por não cumprirem com os papéis sociais desejados, causarem conflitos e representarem um contraponto ao ideal de harmonia local.

A historiografia que toma casos singulares, como os mencionados acima, e utiliza o método micro analítico, aponta um caminho proveitoso para se pensar na agência das mulheres no desenvolvimento de uma nova história social das migrações. O estudo de trajetória de imigrantes se apresenta como uma escolha que permite trazer para as análises o protagonismo feminino, suas escolhas e relações, bem como os mecanismos utilizados para garantir a concretização de projetos individuais e coletivos. Tudo isso contribui para dar visibilidade às vidas femininas, mas também para as distintas maneiras de agir, negociar e se fazer presente em diferentes realidades sociais, sem necessariamente estar sob a dependência de alguém do sexo masculino. Reforça-se, por fim, que o estudo de trajetórias de imigrantes permite dar voz às silenciadas e excluídas das análises mais gerais, bem como propor novas problematizações que apontam para uma história mais heterogênea, complexa, conflituosa, marca por classificações de gênero e diferenciações diversas, como grupo social, raça, nacionalidade, idade etc. Ajuda, portanto, a questionar os estereótipos presentes nas narrativas mais gerais sobre o papel das mulheres nas migrações transatlânticas e nos diferentes contextos migratórios de recepção.

Notas

¹ Estudos que começaram a pensar a emigração feminina rural do período pós-unificação italiana: CORTI, Paola. Donne che vanno, donne che restano. Emigrazione e comportamenti femminili. In: *Annali Cervi*, 12, 1990, p. 213-235; PERCO, Daniela. *L'emigrazione delle balie da latte dalle prealpi Venete (Sec. XIX – XX)*. Feltre: Museo etnográfico della provincia di Belluno, 1993; DADÀ, Adriana. Balie, serve, tessitrici. In: CORTI, Paola;

SANFILIPPO, Matteo (a cura di). *Storia d'Italia*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2009, p. 107-122; BIANCHI, Bruna. Lavoro ed emigrazione femminile (1880-1915). In: BEVILACQUA, Piero.; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. (a cura di). *Storia dell'emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore, 2001; GRANDI, Casimira. *Donne fuori posto: l'emigrazione femminile rurale dell'Italia postunitaria*. Roma: Carocci, 2007; ARRU, Angiolina; CAGLIOTI, Daniela Luigia; FRANCO, Ramella. *Donne e uomini migrante: storie e geografie tra breve e lunga distanza*. Roma: Donzelli Editore, 2008.

² O período da “Grande Emigração” é compreendido entre os anos 70 do século XIX até início do XX, momento em ocorreu o deslocamento em massa de imigrantes italianos para a América.

³ CORTI, Op. cit.; PERCO, Op. cit.; TIRABASSI, Maddalena. Trent'anni di studi sulle migrazioni di genere in Italia: un bilancio storiografico. In: LUCONI, Stefano; VERRICCHIO, Mario (a cura di). *Lontane da casa. Donne italiane e diaspora globale dall'inizio del Novecento a oggi*. Torino: Centro Altereditalie, Academia University Press, 2015, p. 19-39.

⁴ Gênero é entendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que são percebidas em relação aos sexos, sendo também um substituto para o termo mulher, e é uma “forma primária de dar significado as relações de poder. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 1995, p. 86. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em 16 de fevereiro de 2023.

⁵ Sobre a existência de uma cultura da mobilidade em determinadas regiões da Europa do oitocentos e o costume dos homens migrarem e as mulheres ficarem cuidando da agricultura, algumas autoras analisam tais dinâmicas e características em comunidades rurais de Portugal e Itália. BRETTEL, Caroline. *Homens que partem, mulheres que esperam*. Consequências da emigração numa freguesia minhota. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991; CORTI, Op. cit.; BIANCHI, Op. cit.; ARRU, CAGLIOTI, RAMELLA, Op. cit.

⁶ Exemplos de mulheres imigrantes em tais condições podem ser percebidos nos artigos de “Donas do próprio destino?”, de Maíra Vendrame, e “Maria e la collana”, de Daniela Perco. Ambos os trabalhos analisaram trajetórias de imigrantes italianas que se estabeleceram em diferentes regiões do Rio Grande do Sul nas últimas décadas do século XIX. VENDRAME, Maíra Ines. Donas do próprio destino? Experiências transnacionais de imigrantes italianas no Brasil meridional. VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017, p. 85-133; PERCO, Daniela. Maria e la collana. L'emigrazione di una donna dalle Dolomiti al Brasile. VENDRAME, PEREIRA, Op. cit., p.160-233.

⁷ Tomar os percursos de imigrantes europeias - origem italiana e alemães - como vias de acesso para analisar à vida familiar e comunitária, tanto nos lugares de origem como nos de destinos, bem como as estratégias de inserção social e profissional, é algo que já vem sendo realizada. Conferir; VENDRAME, Op. cit.; VENDRAME, Maíra. *Un Viaggio senza ritorno: a trajetória de uma camponesa italiana no Brasil meridional*. In: RUGGIERO, Antonio; HERÉDIA, Vania B. M; BARAUSE, Alberto. *História e narrativas transculturais: Entre a Europa mediterrânea e a América Latina*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017a, p. 111-136; VENDRAME, Maíra Ines. Partearas imigrantes: atuação, conflitos e redes de apoio no campo profissional (Porto Alegre, final do século XIX). *Anuario de Historia Virtual*, Año 12, nº 19, 2021, p. 70-97.

⁸ GIRON, Loraine. *Dominância e subordinação: mulheres e trabalho na pequena propriedade*. Porto Alegre: EST, 2008.

⁹ GIRON, Op. cit., p. 55.

¹⁰ Dentre os principais trabalhos que inicialmente analisam a trajetória de Ana Rech, destacam-se: GIRON, Op. cit., e DALL'ALBA, João L. *Origens e descendência de Anna Pauletti Rech*. Caxias do Sul: Centro Técnico Social - Murialdo, 2003.

¹¹ VENDRAME, Op. cit., 2017a, p. 129.

¹² DALL'ALBA, Op. cit., 2003.

¹³ HERÉDIA, Vânia. B. Merlotti. A presença das mulheres na economia da zona colonial italiana no Rio Grande do Sul. In: VENDRAME, PEREIRA, Op. cit., p. 239.

¹⁴ Agência, de acordo com Sherry Ortner, pode ser entendida como sinônimo de “formas de poder que às pessoas tem a sua disposição, de sua capacidade de agir em seu próprio nome, de influenciar outras pessoas e acontecimento e de manter algum tipo de controle sobre suas vidas”. Logo, ela pode ser entendida tanto em casos de dominação como de resistência. ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: Reflexões sobre a agência. In.: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (org.). Reunião Brasileira de Antropologia. *Anais...* Blumenau, Nova Letra, 2007, p. 65, 67.

¹⁵ VENDRAME, Maíra Ines. Loucas e criminosas: crimes femininos e controle social em comunidades de colonização europeia no Rio Grande do Sul (Século XX). *História (São Paulo)*, v. 38, 2019, p. 1-33.

<http://historiasp.franca.unesp.br/loucas-e-criminosas-crimes-femininos-e-controle-social-em-comunidades-de-colonizacao-europeia-no-rio-grande-do-sul-seculo-xx/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2023.

¹⁶ ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: Reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (org.). Reunião Brasileira de Antropologia. *Anais...* Blumenau, Nova Letra, 2007, p. 74-75.

¹⁷ VANGELISTA, Chiara. Gênero e estratégias migratórias: mulheres italianas imigrantes no estado do Espírito Santo Brasil, 1894-1895. In: *Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*, 11, 1998, p. 1337. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/890/855>.

Acesso em 16 de fevereiro de 2023.

¹⁸ Em “Mulheres que vêm, mulheres que vão”, Maria Sílvia Bassanezi ressalta a presença feminina nas migrações europeias do século XIX para o Brasil, tendo as imigrantes acompanhadas de familiares, amigos e conhecidos se estabelecidos tanto no campo como nas cidades. Através da análise a referida autora busca destacar o quanto os deslocamentos sempre marcaram a vida das mulheres, não sendo, portanto, a mobilidade geográfica e laboral uma característica apenas dos percursos masculinos. BASSANEZI, Maria Sílvia. *Mulheres que vêm, mulheres que vão*. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 169-193.

¹⁹ FAVARO, Cleci Eulália. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

²⁰ GANS, Magda. 2004 *Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX*, Porto Alegre: Editora da UFRJ/ANPUH/RS; CHARÃO, Egiselda Brum. *Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre (1945-1965)*. Porto Alegre: PUCRS, 2015. (Dissertação Mestrado)

²¹ MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco (Rio de Janeiro e São Paulo – XIX e XX)*. São Paulo: e-Manuscrito, 2017. (e-book).

²² MOTT, Maria Lúcia. Madame Durocher, modista e parteira. *Revista de Estudos feministas*, Florianópolis n. 2, 1994, p. 101-116; MOTT, Maria Lúcia, Muniz, Maria A.; ALVES, Olga S. F.; SANTOS, Ana Paula F.; MAESTRINI, Karla; SANTOS, Tais dos. As Parteiras eram “tutte quante” Italianas (São Paulo, 1870-1920). *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 47, 2007, p. 65-94.

²³ MENEZES, MATOS, Op. cit., 2017

²⁴ MATOS, Maria Izilda. *Podes vir que aqui estou à tua espera: gênero, família e literatura epistolar (e/imigrantes portugueses – São Paulo 1890-1950)*. VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017, p. 278.

²⁵ VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017.

²⁶ PEREIRA, Syrléa Marques. *Mulheres italianas e fotografia: modos de ver, formas de lembrar a aldeia natal*. VENDRAME, PEREIRA, Op. cit., p. 134-159.

²⁷ BRIGANTI, Lucilla. A emigração das mulheres da Itália entre o 800 e o 900: alguns estudos de caso na região da Toscana. In: VENDRAME, PEREIRA, Op. cit., p. 63-84.

²⁸ VENDRAME, Op. cit., 2017; PERCO, Op. cit., 2017.

²⁹ Em relação a (in)visibilidade das mulheres imigrantes no interior da província de São Paulo entre o século XIX e XX, ver; MATOS, Maria Izilda Santos; TRUZZI, Osvaldo; CONCEIÇÃO, Carla Fernandes. *Mulheres imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880-1930)*. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Belo Horizonte, 35 (3): 2018, p. 1-25. Disponível em: <https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/1172>. Acesso em 17 de fevereiro de 2023.

³⁰ Sobre a referida questão destacam-se: MENEZES, MATOS, Op. cit., 2017; VENDRAME, PEREIRA, Op. cit., 2017.

³¹ MATOS, TRUZZI, CONCEIÇÃO, Op. cit., 2018.

³² VENDRAME, PEREIRA, Op. cit.

³³ MATOS, TRUZZI, CONCEIÇÃO, Op. cit., 2018.

³⁴ PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, 2008, p. 263-274. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

³⁵ A micro-história é um modo de ler, questionar e construir o objeto de estudo. Olhar através do microscópio permite apreender problematizações negligenciadas através de outras perspectivas sobre determinados fenômenos e processos históricos. LEVI, Giovanni. *Micro-história e história global*. Vendrame, M. I., Karsburg, A. (org.). *Micro-história: um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 19-34.

³⁶ A utilização das correspondências como fonte principal para compreender o papel feminino nas migrações da Europa para América do oitocentos, é destacada em alguns dos capítulos que compõem o livro *Mulheres em movimento*. VENDRAME; PEREIRA, Op. cit.

³⁷ VENDRAME, Op. cit., 2017.

³⁸ Para compreensão das escolhas realizadas para defesa da honra através de embates violentos, denúncias públicas e acertos privados em comunidades de imigrantes italianos, consultar VENDRAME, Op. cit., 2017.

³⁹ Sobre os percursos de algumas imigrantes viúvas, casadas e “amasiadas”, ver; VENDRAME, Op. cit., 2021.

⁴⁰ VENDRAME, Op. cit., 2021.

⁴¹ VENDRAME, Maíra Ines. Crimes femininos em comunidades de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. *Narrativas de Gênero: as várias faces dos estudos de gênero*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021a, p. 19-46.

⁴² Pensar a documentação judicial procurando problematizar os usos e sentidos que as pessoas conferiam ao acionamento do recurso da justiça, como o da denúncia, pode ser aprofundado a partir das ideias apresentada em: CERUTTI, Simona. *Giustizia sommaria. Pratiche e ideali di giustizia in una società di Ancien Régime (Torino XVIII secolo)*, Milano, 2003; VENDRAME, Op. Cit., 2021a..

⁴³ SCHETTINI, Cristina. Exploração, gênero e circuitos sul-americanos nos processos de expulsão de estrangeiros (1907-1920). *Tempo*, Dossiê: História do Trabalho e dos Trabalhadores: novas abordagens 18 (33), 2012, p. 51-73. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/77TxHWXcQGTcjbBrsjzJ4wr/abstract/?lang=pt>. Acesso em 11 de novembro de 2022.

⁴⁴ VENDRAME, Op. cit., 2019.

⁴⁵ SCOTTI, Zelinda Rosa. *Que loucura é essa?: loucas e loucos italianos no Hospício São Pedro em Porto Alegre/RS (1900-1925)*. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em História da PUCRS, 2013, p. 103. (Tese de doutorado)

⁴⁶ Prontuário médico do Hospício São Pedro, nº 3168, 1924, Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS).

⁴⁷ Prontuário médico do Hospício São Pedro, nº 17499, 1923, APERS.

⁴⁸ GINZBURG, Carlo. Micro-história e história do mundo. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (orgs). *Territórios da História: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023 (livro no prelo); LEVI, Op. cit.

Referências

ARRU, Angiolina; CAGLIOTI, Daniela Luigia; FRANCO, Ramella. *Donne e uomini migrante: storie e geografia tra breve e lunga distanza*. Roma: Donzelli Editore, 2008.

BASSA, Daniela. De la Pampa a Open Door. Terapias y tratamientos hacia los insanos em la primera mitad del siglo XX. DI LISCIA, María Silvia; BOHOSLAVSKY, Ernesto (Editores). *Instituciones y formas de control social em América Latina, 1840-19140*. Uma Revisión. Buenos Aires: Prometeu Libros, Universidad Nacional de General Sarmiento, Universidad Nacional de La Pampa, p. 85-103, 2005.

BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 169-193.

BIANCHI, Bruna. Lavoro ed emigrazione femminile (1880-1915). In: BEVILACQUA, P.; DE CLEMENTI, A.; FRANZINA, E. (a cura di). *Storia dell'emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore, 2001.

BRETTEL, Caroline. *Homens que partem, mulheres que esperam*. Consequências da emigração numa freguesia minhota. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

BRIGANTI, Lucilla. A emigração das mulheres da Itália entre o 800 e o 900: alguns estudos de caso na região da Toscana. VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em*

movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais. São Leopoldo: OIKOS, 2017, p. 63-84.

CERUTTI, Simona. *Giustizia sommaria. Pratiche e ideali di giustizia in una società di Ancien Régime (Torino XVIII secolo)*, Milano, 2003.

CORTI, Paola. Donne che vanno, donne che restano. Emigrazione e comportamenti femminili”. In: “*Annali Cervi*, 12, 1990, p. 213-235.

CHARÃO, Egiselda Brum. *Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre (1945-1965)*. Porto Alegre: PUCRS, 2015. (Dissertação Mestrado)

DADÀ, Adriana. Balie, serve, tessitrici. In: CORTI, Paola; SANFILIPPO, Matteo (a cura di). *Storia d’Italia*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2009, p. 107-122.

DALL’ALBA, João L. *Origens e descendência de Anna Pauletti Rech*. Caxias do Sul: Centro Técnico Social - Murialdo, 2003.

FAVARO, Cleci Eulália. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GINZBURG, Carlo. Microhistory and world history. Bentley, J. H., Subrahmanyam, S., Wiesner-Hanks, M.E. (a cura), *The Cambridge World History, VI: The construction of a Global World, 1400-1800 CE, parte 2: Partterns of Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 447-473.

GRENDI, Edoardo. Microanalisi e storia sociale. *Quaderni Storici*, 35, 1977, p. 506-520.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. Vendrame, M. I., Karsburg, A. (org.). *Micro-história: um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 19-34.

GRANDI, Casimira. *Donne fuori posto: l’emigrazione femminile rurale dell’Italia postunitaria*. Roma: Carocci, 2007.

GROSSUTTI, Javier. Friulane all’estero e in pátria nel primo Novecento: le donne come protagoniste e garanti dell’esperienza migratória. In: LUCONI, Stefano; VARRICCHIO, Mario (a cura di) *Lontane da casa. Donne italiane e diáspora globale dall’enzio del Novecento a oggi*. Torino, Centro Altreatalie, 2015, p. 305-332.

GANS, Magda. 2004 *Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX*, Porto Alegre: Editora da UFRJ/ANPUH/RS.

GIRON, Loraine. *Dominação e subordinação: mulheres e trabalho na pequena propriedade*. Porto Alegre: EST, 2008.

HERÉDIA, Vânia. B. Merlotti. A presença das mulheres na economia da zona colonial italiana no Rio Grande do Sul. In: VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017, p. 234-248.

LIOTTA, Salvatore. *Il viaggio di Anna Rech*. Rasai di Seren del Grappa (BL): Ediotia DBS, 2014.

MARQUIEGUI, Dedier Norberto. Un final no buscado: Los inmigrantes europeos entre la frustración del proyecto migratorio, el control estatal y la locura. Un acercamiento desde los libros de la colonia

de alienados de Open Door (Inícios del siglo XX). *Claroescuro. Revistas del Centro de Estudios sobre Diversidad Cultural*, n. 11, 2012, p. 149-174.

MATOS, Maria Izilda. Podes vir que aqui estou à tua espera: gênero, família e literatura epistolar (e/imigrantes portugueses – São Paulo 1890-1950). In: VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017, p. 277-299.

MATOS, Maria Izilda Santos; TRUZZI, Osvaldo; CONCEIÇÃO, Carla Fernandes. Mulheres imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880-1930). *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Belo Horizonte, 35 (3): 2018, p. 1-25. Disponível em: <https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/1172>.

MOTT, Maria Lúcia. Madame Durocher, modista e parteira. *Revista de Estudos feministas*, Florianópolis n. 2, 1994, p. 101-116.

MOTT, Maria Lúcia, Muniz, Maria A.; ALVES, Olga S. F.; SANTOS, Ana Paula F.; MAESTRINI, Karla; SANTOS, Tais dos. As Parteiras eram “tutte quante” Italianas (São Paulo, 1870-1920). *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 47, 2007, p. 65-94.

MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco (Rio de Janeiro e São Paulo – XIX e XX)*. São Paulo: e-Manuscrito, 2017. (e-book).

MÜGGE, Miquéias H. *A trajetória de uma escritora imigrante: Josefina Wiersch entre três mundos*. São Leopoldo: OIKOS, 2022.

ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: Reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (org.). Reunião Brasileira de Antropologia. *Anais...* Blumenau, Nova Letra, 2007, p.45-80.

PERCO, Daniela. *L'emigrazione dele balie da latte dalle prealpi Venete (Sec. XIX – XX)*. Feltre: Museo etnográfico della província di Belluno, 1993.

PERCO, Daniela. Maria e la collana. L'emigrazione di una donna dalle Dolomiti al Brasile. In: VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017, p. 160-233.

PEREIRA, Syrléa Marques. Mulheres italianas e fotografia: modos de ver, formas de lembrar a aldeia natal. In: VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017, p. 134-159.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, 2008, p.263-274. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

PITA, Valeria Silvina. *La casa de las locas: una historia social del Hospital de Mujeres Dementes Buenos Aires, 1852-1890*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2012.

SCHETTINI, Cristina. Exploração, gênero e circuitos sul-americanos nos processos de expulsão de estrangeiros (1907-1920). *Tempo*, Dossiê: História do Trabalho e dos Trabalhadores: novas abordagens 18 (33), 2012, p. 51-73.

SCOTTI, Zelinda Rosa. *Que loucura é essa?:* loucas e loucos italianos no Hospício São Pedro em Porto Alegre/RS (1900-1925). Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em História da PUCRS, 2013. (Tese de doutorado)

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 1995, p. 71-99.

TIRABASSI, Maddalena. Trent'anni di studi sulle migrazioni di genere in Italia: un bilancio storiografico. In: LUCONI, Stefano; VERRICCHIO, Mario (a cura di). *Lontane da casa. Donne italiane e diaspora globale dall'inizio del Novecento a oggi*. Torino: Centro Altereitalie, Academia University Press, 2015, p. 19-39.

VENDRAME, Maíra Ines. *O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

VENDRAME, Maíra Ines. Donas do próprio destino? Experiências transnacionais de imigrantes italianas no Brasil meridional. In: VENDRAME, Maíra Ines; PEREIRA, Syrléa Marques (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017, p. 85-133.

VENDRAME, Maíra Ines. Segredos revelados: Vergonha, escândalo e crime de infanticídio nos núcleos de colonização europeia no sul do Brasil. In: VENDRAME, Maíra Ines; MAUCH, Cláudia; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (orgs.) *Crime e justiça: reflexões, fontes e possibilidades de pesquisa*. São Leopoldo: Editora OIKOS, 2018, p. 100-135.

VENDRAME, Maíra Ines. Parteiros imigrantes: atuação, conflitos e redes de apoio no campo profissional (Porto Alegre, final do século XIX). *Anuario de Historia Virtual*, Año 12, nº 19, 2021, p. 70-97.

VENDRAME, Maíra Ines. Crimes femininos em comunidades de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. *Narrativas de Gênero: as várias faces dos estudos de gênero*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021, p. 19-46.

VENDRAME, Maíra Ines. Spazio di diritti. Violenza e pratiche di giustizia nei luoghi di colonizzazione europea del Brasile meridionale tra la fine del XIX e l'inizio del XX secolo. *Quaderni Storici*, n. 167, 2, Il Mulino, 2021a, p. 537-565.

VENDRAME, Maíra I.; PEREIRA, Syrléa M. *Mulheres em movimento: Experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: OIKOS, 2017.

VANGELISTA, Chiara. Gênero e estratégias migratórias: mulheres italianas imigrantes no estado do Espírito Santo Brasil, 1894-1895. In: *Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*, 11, 1998, p. 1333-1357. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/890/855>

WADI, Yonissa. *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*. Uberlândia: EDUFU, 2009.